

Marx de Sori



# OS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES NOS SÉCULOS XV E XVI

As causas que os determinaram, a sua importância  
e as consequências mais notáveis que deles resultaram

eBooksApeiron

*Título*

Os Descobrimientos Portugueses nos séculos XV e XVI

Editado pela 1ª vez em 1867 na Tipografia de Castro Irmão  
Rua da Boavista (Palácio do Conde de Sampaio), Lisboa

*Autor*

António Filipe Marx de Sori

*Revisão*

Isabel Nunes

*Imagem da Capa*

Astrolábio português descoberto ao largo da Costa de Omã  
desconhecendo-se se a sua origem é de uma das naus,  
a Esmeralda, da frota de Vasco da Gama.

*Capa, Grafismo e Arte Final*

Apeiron-GraphicPrint

Maio 2018

ISBN 978-989-8447-78-4

© Apeiron edições

*Projecto Apeiron - Apeiron edições*

[www.apeiron-edicoes.com](http://www.apeiron-edicoes.com)

[apeiron.edicoes@gmail.com](mailto:apeiron.edicoes@gmail.com)

# Índice

Introdução	4
Capítulo Único	5

*AO ILL.MO E EX.MO SR.*  
*CONSELHEIRO*  
*Antonio Raphael Rodrigues Sette*  
*OFFERECE*  
*O Auctor*

### **Introdução**

As linhas que seguem não foram primitivamente destinadas à publicidade pela imprensa; são apenas uns modestos apontamentos coligidos e ordenados para uma lição em concurso, cujo ponto foi tirado quarenta e oito horas antes.

O sr. A. da Silva Tullio, talvez tão somente para me obrigar, quis honrar este modesto trabalho inserindo-o em artigos no *Archivo Pittoresco*. Hoje a empresa desta excelente folha brinda-me graciosamente com aqueles artigos, impressos em folheto.

Proporciona-me assim o poder agora oferecer publicamente este efêmero trabalho ao meu bom amigo o sr. conselheiro A. R. R. Sette, a quem desde a origem foi dedicado, como testemunho de gratidão.

O limitado da distribuição, por alguns amigos somente, é prova de como reconheço a insuficiência de um trabalho onde apenas se pode descortinar veneração patriótica pelos heróicos feitos dos nossos antepassados.

*Marx de Sori*

## Capítulo Único

Direi primeiro quais foram as causas que determinaram os descobrimentos dos portugueses nos séculos XV e XVI, para depois narrar esses descobrimentos, e por último tratar das consequências mais notáveis que deles resultaram.

Gomes Eanes de Azurara, escrevendo a sua *Chronica de Guiné*, diz que foram cinco as causas que determinaram o sr. infante D. Henrique a empreender as navegações, e a mandar navios portugueses aos descobrimentos da costa africana.

Era a primeira causa ignorar-se ao certo quais países e quais habitantes existiam para além do cabo Bojador, visto que nada de verdadeiro se pudera averiguar da falada viagem de S. Brandão, no século VI; e porque nenhum outro príncipe trabalhava nisto, se decidira a fazê-lo o sr. D. Henrique, por honra de Deus e d'el-rei.

A segunda consideração foi toda comercial, atendendo-se aos proveitos que haviam de seguir-se para este reino de se achar naquelas terras alguma povoação de cristãos, ou alguns portos onde se pudesse sem perigo fazer bom mercado.

Importava a terceira razão ao conhecimento, que instava obter, de qual era, e até onde chegava, o poderio dos moiros, que se dizia muito maior do que comumente se pensava.

Assentava o quarto fundamento no desejo de encontrar algum príncipe católico<sup>1</sup>, que, por amor de Cristo, o ajudasse contra os inimigos da fé, na guerra que lhes movera durante trinta e um anos,

---

<sup>1</sup> Nota do Editor – Na verdade, cristão.

sem auxílio de rei nem de senhor de fora de Portugal.

Era, finalmente, o quinto motivo o grande desejo que havia de dilatar a santa fé e trazer a ela todas as almas que se quisessem salvar, chamando-as ao grémio da igreja, e dando-lhes ingresso na religião cristã.

Não podemos deixar de acrescentar a estas cinco algumas outras razões, não indicadas pelo erudito cronista, mas que certamente se apresentaram ao espírito do sábio infante, e que, se não foram as deliberativas, deviam contribuir eficazmente para o decidir em seus tão porfiados como aventureiros cometimentos.

É claro que o ilustrado príncipe havia de ter notícia das navegações dos antigos povos, navegações mais ou menos fabulosas, mais ou menos longínquas, como foram as do cartaginês Hannon, de Sataspes, de Políbio, de Menelao, de Nechao, de Eudoxo, e ainda outras cuja descrição tem chegado até aos nossos dias. Nalgumas destas navegações se dizia haver sido costeado todo o continente de África, saindo de Alexandria, passando as colunas de Hércules, dobrando a grande fronteira de África, entrando no mar Eritreu e ancorando em Suez. Ao Ophir de Salomão, à viagem de Marco Polo ao Cathaio no século XIII, devemos juntar as antigas navegações dos portugueses, que já em tempos do sr. rei D. Afonso IV chegavam às ilhas Canárias, ou antigas Fortunadas, navegações de que especialmente o estudioso infante devia ter cabal conhecimento, e que muito influíram de certo para apressar os primeiros passos em tão arriscada empresa.

Chegara o infante D. Pedro de Veneza, onde residira por muito tempo. Era então, no século XV, Veneza a nação que distribuía por

todos os portos do Mediterrâneo os produtos da Ásia. Tinha Veneza as mais estreitas relações com o Egipto e com a Pérsia. Os venezianos devassavam aqueles riquíssimos empórios, e conheciam, como nenhum outro povo, a grandeza do Oriente. Eram eles quem melhor podia informar acerca do tão celebrado reino do Preste João, príncipe que se dizia pertencer ao grémio do catolicismo, possuir vastos domínios, numerosos súbditos e grandes tesouros. Presumimos, portanto, que traria o infante D. Pedro basta colheita de tais notícias, que mais deviam estimular os aventureiros desejos de seu irmão; de seu irmão, que, dotado de esclarecido entendimento, não podia forrar-se ao desgosto de ver que Portugal, tendo repellido os moiros para fora desta terra, jamais conseguiria alargar os seus limites territoriais, avançando as fronteiras cercadas já por príncipes católicos, senhores de poderosos exércitos. O mar, porém, banhando Portugal em toda a sua extensão, vindo beijar as suas praias e morrer debatendo-se contra os seus rochedos, estava como que convidando o nobre infante a buscar nele, e por ele, os domínios que a terra da Europa lhe recusava.

Apropriada era a ocasião. A espada do mestre de Aviz ganhara a coroa de D. João I; e se o heróico valor do condestável alcançara em Aljubarrota firmar o sólio<sup>2</sup> do monarca, a marinha portuguesa não ficara ociosa, nem deixara de contribuir eficazmente para a independência da pátria. Foram os navios portugueses que, indo ao Porto, à sempre leal cidade do Porto, buscar os reforços de que necessitavam os oprimidos sitiados em Lisboa, conseguiu, a despeito

---

<sup>2</sup> N. do E. – Trono, assento real. Figura poder real.

das balas da armada castelhana, com a qual travou rijo combate, e da sentida morte do valente comandante Ruy Pereira, desembarcar os socorros tão oportunos, que, obrigando o monarca espanhol a levantar o cerco de Lisboa, o predispôs para as tréguas celebradas em 1411 entre as duas coroas.

Chegara, pois, o momento. De Lisboa saíram logo em 1412 os primeiros navios, mandados pelo talentoso infante com ordem para costear a terra de África, e, dobrando o cabo Não, passarem avante.

Mas nem bastavam ainda as cautelas tomadas, nem as relações obtidas, nem as concebidas esperanças. Faltava ainda, antes de prosseguir no empreendimento, assegurar a partida e a chegada tranquila dos modernos navegantes. Urgia alcançar um ponto que, servindo de base às futuras operações, fosse o centro donde pudessem velejar, e aonde acolher-se do rigor dos temporais os navios que saíam a descobrir. Mais ainda instava que esse ponto fosse situado por modo azado a impedir as depredações e a estorvar as piratarías dos corsários barbarescos, os quais, desembocando do estreito, cairiam decerto sobre os pacíficos mercadores, e, roubando-os e levando-os ao cativoiro, lançariam tal desânimo, que, escarmentados, fugiriam os mais audazes de aventurar-se a tão triste fim, qual era o de escapar à luta dos ventos e dos mares para ir morrer, carregado de ferros, nos calaboiços dos infiéis, ou vergado ao mais rude e violento trabalho, sem que os olhos pudessem fitar a cruz de Cristo, sem que os lábios pudessem recitar uma oração à Virgem, sem que os braços pudessem estreitar um amigo. Regar com o suor do rosto e as lágrimas do coração a terra dos moiros, morrer morte afrontosa sem escutar as palavras do sacerdote cristão, era